

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Poesia Grega Arcaica. Antologia organizada por Maria Helena da Rocha Pereira. Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 1980, 111 pp.

No momento em que o ensino das línguas clássicas em Portugal corre o risco de sofrer um atrofiamento ainda maior com a ameaça do desaparecimento do grego do curso liceal, não pode silenciar-se um evento que atesta a inconveniência de uma tal orientação pedagógica.

É de justiça referir que a Filologia Clássica tem prestado um elevado serviço à dignificação e projecção da cultura e da investigação portuguesas, sobretudo numa Europa que se pauta por critérios de tradicional exigência nos domínios universitário, científico e cultural. Nestes tempos em que Portugal, integrado fatalmente nesse vasto movimento histórico que será a evolução da Península Ibérica nos últimos decénios do século XX, tem de marcar, até pela imposição, um lugar no campo da ciência e da cultura europeias, há absoluta necessidade de valorizar o que de qualidade é capaz de nos fazer aceitar aos outros, incluindo os meios científicos internacionais.

Estas palavras vêm a propósito de um volume acabado de publicar pela Prof.^a Maria Helena da Rocha Pereira, intitulado *Poesia Grega Arcaica*. Se a sociedade portuguesa estivesse um pouco mais habituada a contactar, mesmo em termos de divulgação, com a actualidade científica, talvez pudesse avaliar melhor o que representa este livro não só no campo da actividade científica, mas também no da história da cultura portuguesa. O ensino do grego acompanha, de há muito, a história dessa cultura e em particular a da própria Universidade. Não é este o local para enunciar os mais importantes momentos dessa história, com a referência a dados curiosos sobre o papel desempenhado por portugueses na evolução dos estudos clássicos desde o humanismo do Renascimento. Como já foi justamente sublinhado no «Colloque international sur l'Humanisme portugais», realizado em Julho de 1978 no Centre des Études Supérieures de la Renaissance de Tours, o material acumulado nas bibliotecas e arquivos nacionais relativo ao grego em Portugal é imenso e susceptível de fornecer preciosos elementos para a história cultural deste país, que tem de valorizar o que ainda guarda do seu passado se quer resistir com independência à agressividade de outras sociedades que, de há muito, souberam estudar-se a si mesmas e impor aos outros os métodos e conclusões que tiraram sobre si próprias. Ora a história cultural portuguesa até ao séc. XVIII não se faz, em termos de dignidade científica compatível com a instituição universitária, sem a preparação linguística e cultural fornecida pelos estudos clássicos, pois não havia ramo do saber que a eles não se reportasse, de uma maneira ou de outra.

Infelizmente entre nós é limitado o conhecimento da cultura clássica, fora dos cursos universitários. Nada há que se compare com a influência exercida pelas traduções de obras antigas que, sobretudo nos países anglo-saxónicos, nunca faltam nas grandes colecções de livros de bolso. Daí que, talvez, esta antologia de poesia grega acabe por dizer mais a públicos estrangeiros do que a portugueses. Mas nem por isso a Autora entendeu que devia deixar incompleta a tarefa que nascera outrora

com *Hélade*, essa antologia que, desde 1959, vinha divulgando entre nós textos de autores antigos em cuidadas traduções. De facto, a presente antologia é como que o complemento da *Hélade*.

Esta nascera da necessidade de oferecer aos estudantes de História da Cultura Clássica das Faculdades de Letras o acesso cómodo aos textos mais significativos para esse estudo; por seu turno, a antologia que agora sai a público destina-se, ela também, ao «uso dos estudantes desse período da literatura grega», oferecendo-lhes «um conjunto de textos, dos mais belos e significativos, numa edição acessível». E o leitor facilmente verifica o paralelismo entre as duas antologias, onde os textos, quando coincidem, têm os mesmos títulos.

Pela primeira vez, portanto, o público português pode contactar facilmente com trechos da antiga poesia grega, em versões fixadas por critérios de rigor filológico e textual. Poi isso mesmo se lamentará, com a Autora, que os motivos de ordem material não tenham permitido a introdução de aparato crítico, que indicasse, para além dos delicados problemas textuais que esta poesia levanta, os passos onde interveio com propostas enriquecedoras. Fica, é certo, preservada a liberdade do comentador, mas não deixa de ser também legítimo desejar que um dia a Autora encontre estímulos e condições materiais para completar esta antologia, quando o público solicitar, ao menos, algo como a *Lyrice Graeca Selecta* oxoniense.

Através desta antologia de *Poesia Grega Arcaica* da Prof.^a Rocha Pereira, a literatura grega antiga surge ao leitor moderno como uma poesia onde ele encontra facilmente ecos da sua própria sensibilidade, desde o sentimento comunitário que acciona o canto de Álcman até à ironia, também tão moderna, de Arquiloco frente ao espírito guerreiro e heróico, desde a imagem, tão ao modo de Apollinaire, da vida humana comparada com as folhas caducas em Mimnermo, até à evocação romântica do entardecer em Safo, desde o cântico laudatório da divindade, de sabor arcaizante, como esse *Hino a Apolo* que abre a colectânea, desde a poesia «utilitária» de Hesíodo até ao poema de circunstância, do tipo de tanta poesia palaciana europeia posterior, ou até à meditação ética, filosófica e estética.

A presente antologia dá relevo especial à lírica, coral ou monódica, cujo contexto era muito distinto daquele que hoje envolve a leitura da poesia lírica. O seu lugar era, preferentemente, a praça pública ou o banquete, algo bem diferente da leitura individual e silenciosa de hoje. Vários extractos aqui coligidos exemplificam bem essa lírica na sua manifestação coral ou monódica. Mas Píndaro, principalmente, aparece com um lugar de destaque na extensão das páginas que lhe cabem, mercê da transcrição das duas célebres odes, a *I Olímpica* e a *I Pítica*. Reconhece-se, assim, a importância deste poeta, não propriamente porque ele tenha sido um autor de inovação ideológica, pois que o seu mundo é o dos círculos aristocráticos tradicionais, mas porque foi poeta nessa acepção de inventor-criador-artista do texto poético, representante do alto conceito de Poesia que vigorou entre os Antigos e, mais tarde, entre os Renascentistas, como ciência das ciências, isto é como ciência da palavra. Ronsard testemunha bem como a influência de Píndaro na arte poética renascentista, evidentemente de carácter erudito, foi grande.

Aspecto curioso e assinalável, na *Poesia Grega Arcaica* apresentada pela Prof.^a Rocha Pereira, é a frequência com que documenta definições de *poeta* e da sua arte; raro é o autor de quem não exista um trecho sobre o conceito de poesia, desde o extenso «proémio» da *Teogonia* de Hesíodo, em que as Musas surgem como

garantes e inspiradoras da «verdade» poética, até à afirmação de Sólon, de que os poetas (isto é, os aedos) mentem muito — e atente-se na antiguidade da discussão entre (*ψεῦδος*) e (*ἀλήθεια*) — ou até Píndaro, de quem dois trechos sublinham quer a concepção da arte poética como caracterizada pela capacidade de, à maneira da abelha, recolher elementos de variadas histórias (ou discursos), quer a noção da intimidade estrutural e essencial da arte da palavra (*εὐλογία*) com a da música (*φόρμιγξ*) para criar o discurso (*ῥῆμα*) capaz de resistir ao tempo. Estamos perante concepções diversas de poesia, que são fundamento das noções que se veicularão para a cultura europeia através dos grandes doutrinadores clássicos. Mas note-se a insistência na ideia de poema como coisa feita, modelada ou confeccionada por alguém que é perito na arte da criação da palavra (o *ποιητής*), dentro de uma aceção que o latim traduzirá um pouco através de *ingere*. E, de facto, «o poeta é um fingidor», definição que um grego do período arcaico facilmente aceitaria, desde que não o obrigassem a subscrever a pergunta-resposta de Bachelard: «Qu'est-ce qu'un beau poème sinon une folie retouchée?». Em campo bem diferente deste conceito tão herdeiro da visão romântica, para o grego de então o poema é coisa feita e, como tal, coisa valiosa, porque resultante de uma arte, de uma perícia, de um saber, como o patenteia Teógnis de Mégara, na passagem do séc. VI para o V, em fragmento célebre agora também publicado.

O volume é, pois, destinado directamente a um público especializado, que dispõe da bibliografia actualizada existente em locais como o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra e que, por isso mesmo, pode mais facilmente avaliar dos critérios seguidos pela Autora na fixação do texto, domínio que também não deixará de evidenciar a importância e o contributo desta edição. De facto, a fixação do texto dos líricos — sobretudo destes — gregos reveste-se de enorme delicadeza, tendo presentes as condições da sua transmissão. Os achados arqueológicos revolucionaram, desde finais do século anterior, em muitos casos o conhecimento desta literatura; mas, como o próprio leitor pode verificar ao longo das páginas, as dúvidas e as lacunas são imensas. Daí a necessidade de se proceder a reconstruções filológicas e de exegese textual, tarefa a que a Autora confessadamente se votou, orientando-se pelas mais recentes propostas de leitura.

O volume encerra com dois apêndices, que representam, em relação à *Hélade*, uma inovação: um respeitante a canções populares, conservadas ao sabor do acaso da transmissão textual, e um outro contendo alguns «Anacreontea», poemas que se tornaram responsáveis pela imagem de Anacreonte como poeta «ínter pocula» e amaneirado, que Castilho também «traduziu», chamando-lhe «este bom Anacreonte, este sympathico Lafontaine dos Gregos»...

Poesia Grega Arcaica constitui, por conseguinte, uma colectânea cujos trechos mais recentes remontam ao séc. V a.C.; poesia variada nas formas, nos temas, na sensibilidade estética; mas poesia em que, quase sempre, se dá conta da presença dos deuses, como nesse sugestivo fragmento sáfico intitulado «Um jardim», de que na *Hélade* aparecera já traduzida a segunda estrofe e no qual Vénus Cípria, com o seu séquito, convida às libações sagradas, numa paisagem sugestivamente fecunda.

Se comentário final se exigisse, deveria consistir em acentuar que esta antologia poética representa um momento importante na história dos Estudos Clássicos em Portugal, revelador, com os que ali têm vindo a ser desenvolvidos sobre o Renascimento português, da fecundidade do trabalho realizado no Instituto de Estudos

Clássicos de Coimbra. Com uma capa que, na sobriedade habitual do seu Autor, reproduz um vaso grego cuja figura nos sugere logo a natureza da arte poética através da representação de um Alceu que canta perante uma Safo agradavelmente atenta, de acordo com a lenda amorosa que envolveu os dois poetas, o presente volume assume, ele também, a função, quase, de um símbolo: o de que ao Poeta cabe ser o intérprete da palavra da Musa, como se lê no último fragmento de Píndaro aqui transcrito. O poeta decifra e publica a palavra divina, dirigida ao futuro: a *προφητεία*. Uma longa história da concepção da Poesia se anuncia, dentro de uma filosofia da Literatura que, através de Platão, chegará ao Renascimento e aos nossos dias. Oxalá que também este livro profetizasse um futuro digno para a atenção que, da parte das autoridades ministeriais, deverão merecer os Estudos Clássicos em Portugal.

JORGE ALVES OSÓRIO

MARIO BONARIA, «Appunti per uno studio sui rapporti dell'esametro delle **Georgiche** virgiliane con l'esametro ellenistico» in *Atti del convegno Virgiliano sul bimillenario delle Georgiche*, Napoli, Istituto Universitario Orientale, 1977, pp. 179-202.

Descobrir afinidades entre a obra de Virgílio e a produção poética grega, desde Homero aos escritores helenísticos, tem sido o objectivo de muitos estudos que se contam entre a imensa bibliografia virgiliana. Comprova-o, só para o nosso século, a obra em dois volumes de G. Mambelli, *Gli studi virgiliani nel secolo XX*, Firenze, 1940, citada pelo autor. Com a mesma perspectiva, este trabalho de pesquisa sobre a «técnica» do hexâmetro das *Geórgicas* em confronto com o dos principais poetas da Idade Helenística é um interessante contributo para a apreciação formal desta obra do Mantuano.

Tomando como ponto de partida as três «leis de Meyer» que regulam o hexâmetro helenístico, Bonaria analisa a sua observância em Teócrito, nos *Hinos* de Calímaco, no poema de Arato, nos *Argonautica* de Apolónio de Rodas e nas *Geórgicas* de Virgílio e serve-se para tal das tabelas específicas para cada autor. A partir delas, tira as seguintes conclusões (*vide* p. 189):

- a) A I Lei de Meyer (o hexâmetro provido de cesura masculina tem também a cesura heftemimere ou a diérese bucólica, com o quarto pé dáctilo, ou ainda ambas ao mesmo tempo) é observada pelos quatro poetas helenísticos com uma percentagem superior a 90% e por Virgílio nas *Geórgicas*, com uma percentagem que ronda 94% dos casos.
- b) A II lei de Meyer (no hexâmetro, deve evitar-se a palavra iâmbica em cavalgamento entre o segundo e o terceiro pés) é seguida pelos poetas helenísticos estudados com uma percentagem superior a 90% e, na obra de Virgílio,